

UMA TEOLOGIA DA CULTURA LATINO-AMERICANA

UM OLHAR PLURAL PARA AS TEOLOGIAS LATINO-AMERICANAS

João M. V. Ferreira⁴⁴

RESUMO

O presente artigo surge da pergunta pré-estabelecida que se dá ao longo dos séculos que é: como as teologias lidam com as diferentes culturas ou expressões culturais? Para responder essa pergunta, e ainda levando em conta as muitas características da América Latina, o vigente trabalho tem por objetivo responder questões dogmáticas próprias de cada religião ou visão teológica, propor uma série de perguntas sobre as epistemologias da fé na América Latina, e a produção teológica muito característica existente aqui, e por fim propor um recorte na relação entre salvação, sociedade, pluralismo e diálogo interreligioso. Por fim, será proposto um caminho de diálogo e compreensão da pluralidade da fé que nasce na América Latina, e irá buscar um lugar comum que estabeleça respeito entre as diferentes teologias como uma forma de testemunho da redenção cristã no mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Cristianismo, Cultura; Pluralismo; Salvação.

ABSTRACT

This article arises from the pre-established question that has been asked over the centuries: how do theologies deal with different cultures or cultural expressions? To answer this question, and still taking into account the many characteristics of Latin America, the current work aims to answer dogmatic questions specific to each religion or theological vision, propose a series of questions about the epistemologies of faith in Latin America, and the very characteristic theological production existing here, and finally propose a focus on the relationship between salvation, society, pluralism and interreligious dialogue. Finally, a path of dialogue and understanding of the plurality of faith that is born in Latin America will be proposed, and will seek a common place that establishes respect between different theologies as a form of testimony to Christian redemption in the world.

KEYWORDS: Christianity, Culture; Pluralism; Salvation.

44 Ferreira, João M. V. Teólogo pela Faculdade Unida de Vitória, Especialista em Missiologia Cristã Contemporânea pela mesma faculdade. É ainda, Especialista em Gestão de Saúde Pública pela Faculdade Uniamérica. Autor de 4 livros, militante da causa da população em situação de rua, Empreendedor Social, Gestor de Saúde Pública do SUS, e atuante na Coordenação do Programa de Qualificação da Atenção Primária em saúde com ênfase em Consultório na Rua.

INTRODUÇÃO

O vigente texto apresenta uma pesquisa que estabelece certa possibilidade de leitura da relação do cristianismo com a cultura, em recorte especial, no locus Teológico da América Latina.

Diante de diversos problemas que dizem respeito à participação cultural, a América Latina transformou (no período pós-colonização) uma área fértil de produção teológica. As produções latinas inter-relacionam entre as epistemologias religiosas de matriz africana, que chegaram com a escravatura. Além disso, há as questões relacionadas às religiões de origem indígena, que sempre estiveram presentes nos latinos, nas lendas e tradições culturais. O enfoque teológico da pobreza, dos contextos de violência, e exclusão que a América Latina vive, atualmente é possível, uma vez que, algumas teologias com olhar próprio a essas realidades.

Compreender a relação histórica estabelecida entre teologia e cultura pelos pensamentos europeus e norte-americanos, ajuda compreender muito do pensamento cristão que embasa as teologias na América Latina. Não obstante, contextualizando essa relação, pode-se observar que o cristianismo latino é mais intracultural, conseqüentemente um ator participante das culturas que aqui são estabelecidas. Nesse nexos, as teologias na América Latina são formadas sob diferentes perspectivas de relação.

A América Latina não é somente um celeiro de diversas teologias (muitas inclusive que divergem entre si), mas é, até este momento, um espaço no qual a produção teológica contextual é muito rica. As expressões de teologias latinas levantadas desde a década de 60 representam a potência epistemológica latina, que vem mudando o lugar no qual a teologia vem sendo feita (no sentido de púlpitos e academias como fonte de produção) e tem posicionando essa extensão em meio ao povo.

É evidente que, essas expressões se referem as notáveis diferenças teológicas entre as já bem conhecidas teologias europeias e norte-americanas, e a produção teológica nativa da América Latina.

Sob a ótica dessas diversas teologias haverá uma tentativa de fazer um mergulho histórico na conexão Cristianismo x Cultura, para descobrir uma percepção ampliada para o sentido da Esperança no processo de humanização como fruto do Espírito no locus teológico latino.

A mudança de compreensão da América Latina em relação à necessidade de remodelar o local de produção teológica, reposicionando a teologia em associação ao povo, deu origem a um movimento que ficou conhecido como Teologia da Libertação e Teologia da Missão Integral. Sendo o fundamento de uma grande parte do pensamento teológico latino-americano.

UMA RELAÇÃO HISTÓRICA ENTRE CRISTIANISMO E A CULTURA

Pensar nos antecedentes do cristianismo com a cultura é tão antigo quanto as origens dos evangelhos. Na verdade, uma boa compreensão dos evangelhos é impossível sem antes pensar na junção cultural em que eles advêm, contextos sociais, e até mesmo o seu papel profético quanto às denúncias apresentadas em seus textos (claramente uma referência aos evangelhos na totalidade).

Esse assunto poderia apresentar várias questões históricas presentes nessa pauta. O que certamente iria enriquecer muito o debate, no entanto, como a inspiração do texto é ilustrar essa relação na América Latina, inicialmente irá ser feito um recorte histórico das chamadas eras “modernas” e “pós-modernas”, para aguçar uma concepção contemporânea e contextual.

Antes de pensar propriamente o nexos estabelecido entre o cristianismo e a cultura, precisa-se definir o que vai ser chamado de cultura nesse escrito, para compreender a abrangência correta do tema. Ronaldo Lidório cita o antropólogo Paul Hiebert em seu livro “Comunicação e Cultura” definindo cultura como:

Os sistemas mais ou menos integrados de ideias, sentimentos, valores e seus padrões associados de comportamento e produtos são compartilhados por um grupo de pessoas que organiza e regulamenta o que pensa, sente e faz. (apud LIDÓRIO, 2014, p. 38)

O interessante dessa definição produzida por Lidório é que na contemporaneidade têm-se, até este tempo, outras percepções que podem expandir essa base de raciocínio. Se por um lado, a cultura será sempre um limite divisor de fronteiras entre a humanidade, de forma que, se é possível compreender e fazer leituras antropológicas e sociais, a um determinado grupo por seus valores culturais. Entende-se ainda que, embora existam culturas predominantes, atualmente vive-se uma era de mescla cultural, em que, em diferentes grupos, pode-se encontrar valores, hábitos, comportamentos semelhantes, apesar de que eles divergem completamente entre si. Sobre isso Carson (2012, p. 66) aponta:

Certamente não é possível determinar quantas pessoas pertencem a dada cultura. Afinal, pessoas juntam sua miscelânea de peculiaridades cada uma à sua própria maneira. Em alguns aspectos, esses indivíduos podem ser bem parecidos com determinado grupo de pessoas; em outros aspectos, com outro grupo; ainda em outros aspectos, com um terceiro grupo – ou em alguns aspectos bem parecidos com todos esses grupos; e, em outros aspectos, parecidos com nenhum deles.

Exatamente devido à mescla de culturas que existe em diferentes grupos, e pela dificuldade em definir nessa narração exatamente o que é cultura, é que se precisa

compreender a relação histórica que vem sendo estabelecida entre Cristianismo e Cultura. Paul Tillich (2016, p. 307) determinará que o tema central a ser discutido então é a relação “sagrado e profano” considerada uma relação “essencial a essa relação”.

É no desenvolvimento dessa ligação antagônica do cristianismo entre a soberania de Deus, e a depravação total da humanidade, que muitos dos dogmas foram construídos. É sabido que, na contemporaneidade, existe um agravante a mais nessa concordância, dentre tais fatos históricos, foi o fato de o cristianismo ter transfigurado um movimento quase sempre estabelecido como “contracultura”. Essa descrição contra cultural por diversas vezes cria morros de distanciamento social entre o cristianismo, ou os movimentos que se dizem cristãos, e as culturas determinadas.

Portanto, Paul Tillich salienta, conquanto, de alguma forma, o cristianismo institui para si, e para todos os problemas da sociedade, uma espécie de “teocracia” que isenta o ser humano de suas responsabilidades, e a projetam para uma junção transcendente em que isso é exclusividade de Deus com sua humanidade “caída”. Por conseguinte, a crítica de Tillich é bastante incisiva ao propor que a relação com a divindade precisa extrapolar essas maltratarias criadas, a fim de participar e redimir para si elementos culturais.

O problema indicado por Tillich, é que essa “teocracia” não gera no ser humano nenhuma espécie de autonomia, do contrário, o converte dependente de tudo incompreensível na realidade cultural de outros grupos e sociedades.

Por este ângulo, verazmente o cristianismo não valida seu discurso, dando a sociedade liberdade de coexistir num mesmo espaço, embora com diferenças culturais. Ao contrário, por milhares de anos, essa teocracia foi utilizada como forma de manipulação de poder e opressão.

A cultura transformou-se historicamente em um elemento opositor aos cristianismos, aprimorando na ideia de que toda a natureza é caída, e, portanto, os elementos presentes na cultura como: danças, figuras folclóricas, lendas, mitos, etc.; também recebem a ideia de que são profanos.

Tillich indica, até este momento, que se todas as coisas estão sob o olhar cuidadoso de Deus, e em tudo que fazemos, devemos fazer para a glória de Deus (1 Coríntios 10,31). Dentro em breve, deve-se também atentar-se a essa que ele chamara de “preocupação divina” em redimir para si todas as coisas, resultando tudo o que faz algo sagrado. E sobre isso, Tillich (2009, p. 83) diz:

O universo é o santuário de Deus. Cada dia de trabalho é do Senhor, cada ceia é a ceia do Senhor, cada tarefa que fazemos é divina e cada alegria é alegria de Deus. A preocupação suprema está presente em

as demais preocupações, consagrando-as. Essencialmente, não há separação entre sagrado e secular. Estão juntos.

É preciso compreender, e decifrar, de que jeito pode-se diferenciar a religião de uma prática de cultura, se é que consegue separar tais questões. A pesquisa abordará, a seguir, a consolidação do pensamento de que a religião é uma espécie de cultura inserida na vida das pessoas, e que auxilia a compreender a mudança de locais em que se produz a teologia; dos púlpitos à vida comum.

Religião como substância da cultura

Claro que toda uma discussão histórica seria simplificada se parasse por aqui, mas, na prática, sabe-se que ainda existem contrapontos considerados princípios de fé que estão presentes na cultura, e esses fundamentos, muitas vezes, portam uma oposição antagônica entre os cristianismos (como religião) e as culturas predominantes e seus elementos. Sem dúvida a própria existência de uma religião que legitime a exclusão de parte da criação, demonstra intrinsecamente a queda humana, inclusive nos sistemas religiosos.

Destarte, os cristianismos, como contra cognição, muitas vezes tentam apresentar-se como a voz de Deus, ou uma voz soberana que ocupa uma espécie de nível místico na sociedade, por sua vez, esses discursos fortes sobre Deus, deixam escapar lacunas, substancialmente preenchidas pelas diferentes culturas. Por outro lado, a sapiência, quando levada ao seu radicalismo, invoca também uma espécie de religião, e é nesse momento que cabe a crítica protestante a idolatria. Nessa resenha Tillich (2009, p. 83) propõe:

Religião é a substância da cultura e a cultura é a forma da religião. Com isso evita-se o dualismo entre religião e cultura. Cada ato religioso, não apenas da religião organizada, mas também dos mais íntimos movimentos da alma, é formado culturalmente.

Ao longo dos séculos, os diferentes cristianismos não só criam maltratarias, não obstante, estão sempre propondo novas tentativas de interação com o conhecimento, criando para si subculturas.

O problema que denotou na criação de subculturas ao longo dos séculos foi que, conforme elas cresciam, elas também viravam culturas predominantes, e assim adotaram para si características anteriormente condenadas pelos cristãos como profanas. Um exemplo disso está no fato de que os cristãos sempre buscaram ser uma instrução predominante, controladora, e que, se possível, extinguisse as demais culturas.

Contudo, através da oralidade, seja no uso da linguagem de persuasão, seja até mesmo da imposição de valores morais, os cristãos sempre recorreram à consciência para poder existir. E sobre isso, Tillich (2009, p. 89) indica que:

A cultura é a forma da religião. Este fato é especialmente óbvio na linguagem que ela usa. Qualquer tipo de linguagem, incluindo a Bíblia, resulta de inumeráveis atos de criatividade cultural. Todas as funções da vida espiritual humana baseiam-se no poder da fala, tanto vocal como silenciosa.

A fala, a comunicação, a linguagem, são apenas algumas das expressões instrutivas implícitas à humanidade. É impossível pensar uma humanidade sem tais questões. O ser humano nasce sendo formado em um ambiente educacional, e isso está implícito na humanidade.

Posto isto, percebe-se que, ao conceber o Cristianismo como uma linha plural (no texto está citado sempre o termo cristãos), nada mais é do que uma resposta óbvia à tal relação indissociável entre cultura e religião. A teologia cristã já é por si própria uma manifestação instrutiva imanente à própria humanidade.

A Igreja tem a função de responder à questão implícita na existência humana, isto é, a questão a respeito do sentido da existência. O evangelismo é um dos meios que ela usa para esse fim. O princípio do evangelismo consiste em mostrar às pessoas fora da igreja que os símbolos que ela usa são respostas às questões implícitas em sua existência.

Seguindo essa linha de raciocínio esse é o motivo por que movimentos marginais, evangelísticos e sectários de caráter primitivo e duvidoso têm grande sucesso. A ansiedade e o desespero sobre a existência abrangem milhões de pessoas, induzindo-as a buscar qualquer tipo de cura que promete eficácia.

Tillich lembra, inclusive, que os símbolos religiosos carregam consigo valores culturais que representam muito de um povo. Com o alicerce nessa arguição, é possível articular sobre o tema símbolos religiosos, todavia esse não é o desígnio desse escrito. Entretanto, não é possível deixar de considerar o valor dado a tais simbologias, de forma que a diversidade de cristianismo que se erguem na contemporaneidade manuseia esses indícios como uma forma de manipulação segura do sujeito que se adentra aos diferentes cristianismos.

À vista disso, consegue-se sugerir a uma direção segura, no qual a igreja tem um papel profético, em que o maior desafio enfrentado ao longo das gerações, para estabelecer uma relação entre cristianismo e cultura, esteja literalmente na compreensão que a expressão religiosa é também um elemento instrutivo.

A pluralidade cultural das religiões

É na pluralidade de vozes de um povo diversificado que nascem os cristianismos. A despeito de que essas vozes indigitem para diferentes direções, consegue-se certamente perceber que existe um caminho comum – um lugar-comum onde essas vozes se encontram e constituam uma doutrina. É nesse momento que a religião consegue estabelecer conexão e participar de todo o desenvolvimento de uma sociedade.

Mudanças culturais ocorrem, impulsionadas pela dinâmica interior da própria cultura. A igreja participa nelas, às vezes, liderando, mas sempre com força cultural, entre outras e não como representante da nova realidade histórica.

A teologia, em seu papel profético existencial, orienta sempre denunciar as práticas de injustiça que desagradam a Deus no tempo e espaço em que ocorrem. Em contraponto que a teologia, recorre também a um celeiro fértil que serve como gatilho social para disparar mudanças culturais.

Perceber essa dependência ao longo dos séculos auxilia também a compreender o aspecto com que as teologias correlacionaram com os diferentes poderes, e como diversas atrocidades aconteceram autenticadas pela religião.

Os diferentes sentidos históricos para existência da crença, fizeram as teologias andarem de formas distintas, conforme foram sendo adequadas as eras. Nitidamente tende-se diferentes na Europa e Américas, e não realçar as diferenças gritantes entre os orientais e os ocidentais cristãos.

Se for abrir o conceito de teologia, esse discurso será ampliado, mas corre-se um sério risco de não ater ao fato fundamental sobre a relação cultura e cristianismo que é a coexistência de um com outro.

Sendo assim, o estudo avançará buscando compreender a realidade do pluralismo religioso como um fator inerente à realidade humana. Cada ser humano tem fatores ontológicos que o constituem a ser quem é, e seria impossível compreender a relação teologia e cultura, sem passar pelo tema do pluralismo religioso e dar a ele a devida atenção.

É impossível falar de um discurso unívoco nas discordantes teologias existentes no mundo. Mesmo que fizesse um recorte bem específico na América Latina, discorriam-se capítulos que jamais conseguiriam descrever a realidade plural das teologias predominantes existentes em territórios latino-americanos.

Então qual desafio existente nesse texto? O desafio de compreender como essas diferenciadas vozes existem, e subsistem, e como elas conseguem em um lugar-comum estabelecer pontes e diálogos sociais, mesmo que tenham teologias completamente divergentes entre si.

As mudanças culturais que ocorrem ao longo das eras, são também gatilhos disparadores para mudanças de percepções dos cristianismos. De forma que, já não é possível olhar para os protestantes dos séculos XVI e XVIII da mesma forma que os cristãos são vistos nos séculos XIX e XX. Carson (2012, p. 73) efetua as seguintes observações:

Toda cultura está em contínua mudança. Mudanças podem ser provocadas por uma lista quase infinita de fatores: novos movimentos de imigração, acontecimentos internacionais, tendências econômicas, tendências educacionais, a popularidade de várias ideias políticas e econômicas, desdobramentos nos meios de comunicação, o entretenimento popular em suas várias expressões, se as pessoas daquela cultura vivem tempo de paz ou tempo de guerra e muito mais.

Carson realça em seu texto a importância de compreender que existe uma multiplicidade de coisas que podem desencadear mudanças culturais. Com isso, ele provoca a compreensão, de que a própria teologia se faz consoante os acordos com que os acontecimentos vão ocorrendo ao longo das eras. E sobre isso ele realça ainda:

Evidentemente, os cristãos, que fazem parte da cultura mais ampla, nunca são imunes a tais mudanças culturais. A maneira com que consideram as mudanças que ocorrem na cultura serão na maioria determinadas por seus compromissos e ideologias. (CARSON, 2012, p. 74)

Mesmo nas realidades latinas, é fácil perceber as diferentes relações estabelecidas entre os cristãos e a cultura. Existe não só uma pluralidade de teologias, mas também uma pluralidade de símbolos e tradições que acompanham os diferentes cristianismos na América Latina.

A pluralidade de discursos é tão real, que, ao afirmar que não pode mais se quer, falar de uma moral ou uma ética. Existem diferentes morais que vão surgindo e sendo aplicadas ao longo das eras, como diferentes respostas aos dogmas de cada era. Na crítica, a era moderna concretizada por Francis Schaeffer em seu livro – a morte da razão – Editora Ultimato, 2014, o autor afirma que vive em um momento de éticas transicionais, ou relativas, e afirma: “Não se pode ter verdadeira moral no mundo real [...] o que resta, em tais circunstâncias, é um formulário de normas éticas inteiramente relativas” (SCHAEFFER, 2014, p. 88).

Schaeffer não pretende, com a sua afirmação, fazer qualquer juízo de valor, mas, a partir da sua afirmação, é possível compreender que, mesmo para os mais conservadores, a dinâmica social atual está em um momento de transição, onde os sistemas hierárquicos

têm sido completamente repensados à luz das realidades atuais. O também conservador Lesslie Newbigin (2016, p. 13) começa o seu texto questionando:

Tornou-se lugar – comum dizer que vivemos numa sociedade pluralista – não simplesmente uma sociedade que é, de fato, plural na variedade de culturas, religiões e estilos de vida que aceita, mas pluralista no sentido de que essa pluralidade é comemorada como algo que se deve ser aprovado e valorizado.

Interessante que, mesmo com os questionamentos sobre o relativismo ético e a valorização dos princípios pluralistas, em ambas as críticas, percebe-se que o pluralismo é uma realidade, e que no tempo presente é necessário entender a relação estabelecida entre a teologia e a religião.

O PLURALISMO COMO REALIDADE CULTURAL NA AMÉRICA LATINA

Se a religião, por um lado, é compreendida etimologicamente como uma religação entre o homem e Deus, a teologia por sua vez recorre a um discurso forte sobre Deus, no qual valida o discurso em nome de Deus, usando essa argumentação como forma de manipulação do poder. A religação por vezes passa por questões hierárquicas sacerdotais.

A compreensão do pluralismo não traz consigo nenhuma espécie de juízo de valor, é, antes disso, a clareza de que em nome de Deus muitas atrocidades foram cometidas, e que diversos discursos têm origem em Jeová, mesmo que esses discursos não tenham nada a ver com Deus.

Dessa perspectiva pode-se afirmar que a linguagem teológica muitas vezes transforma-se em uma fonte de poder e manipulação retórica baseada em um discurso forte sobre o Onicriador. E é esse perigo, que pode acontecer ao tentar unificar os discursos teológicos, ou afirmar que existe uma única corrente teológica.

Pode-se, portanto, pensar na religião e na autenticidade dos discursos teológicos como forma de poder, é possível compreender, também, que essas mesmas manifestações podem ser usadas profeticamente como fontes de despertamento para questões atreladas a práticas de justiça.

Sobre isso, Tillich (2004, p. 61) aponta que “Se justiça é a forma na qual o poder de ser se realiza, ela justiça deve ser adequada à dinâmica de poder. Ela deve ter o poder de dar forma às relações entre os seres”. E nesse aspecto, é retomada a importância de compreender o discurso plural das teologias na realidade da brasileira, como uma maneira de expressão harmônica de vivência comunitária.

Portanto, serão propostos recortes sequenciais a esse capítulo, para inserir o debate sobre o pluralismo no contexto brasileiro, e compreender as manifestações sobre justiça nos espaços teológicos na América Latina.

No Brasil, a realidade plural se instituiu historicamente como o catolicismo, sendo que a maioria dos discursos teológicos, mesmo que plurais, tem ligação histórica com o período de colonização das Américas.

Já nos primeiros censos demográficos realizados após a década de 80 e início da década de 90, é possível perceber na realidade brasileira uma descentralização de poder, inclusive de monopólio político por parte do discurso teológico católico.

O Censo Demográfico 2000 mostrou acentuada redução do percentual de pessoas da religião católica romana, o qual passou a ser de 73,6%, o aumento do total de pessoas que se declararam evangélicas, 15,4% da população, e sem religião, 7,4% dos residentes. Observou-se, ainda, o ligeiro crescimento dos que se declararam espíritas (de 1,1%, em 1991, para 1,3% em 2000) e do conjunto de outras religiosidades, que se elevou de 1,4%, em 1991, para 1,8% em 2000. (IBGE, 2010, p. 90)

É importante destacar que essa descentralização do monopólio dos enunciados teológicos do catolicismo romano revisitou não somente a variedade de discursos plurais existentes no país e nas Américas. Como ainda, uma miscigenação de culturas nos movimentos teológicos emergentes na América Latina, dos quais o destaque no Brasil é o rápido crescimento dos grupos Pentecostais e Neopentecostais, além das religiões espíritas de matrizes africanas terem apresentado uma rápida expansão.

No artigo “Pluralidade Religiosa Brasileira: a importância do diálogo inter-religioso” Ulrich e Silva (2017, p. 4) concretizam a seguinte afirmação:

Importante destacar que o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil apresenta uma maior pluralidade nas áreas mais urbanizadas e populosas do país. Isto, no entanto, não significa que a presença de grupos pentecostais e de pessoas sem religião não são encontradas na área rural ou em pequenas cidades.

Nessa percepção, é possível entender um pouco daquilo que é chamado de desmonopolização do discurso, ou desempoderamento de uma fala unívoca, e sobretudo o nascimento de uma realidade plural, e com diversas possibilidades de discursos sobre Deus.

Mesmo que ainda haja o monopólio do cristianismo no Brasil, mas, como ele se apresenta, é muito diversificada, passando por um processo de destradicionalização. O monopólio do sagrado também está em processo de migração, percebe-se isto no aumento daquelas pessoas que se declararam sem religião. (ULRICH, SILVA, 2017, p. 4)

Ao afirmar que o aumento dessas pessoas que se declaram sem religião, está ainda atrelado a um grito colonial, ou pós-colonial, no sentido de expressão autônoma da fé. Há a referência de tais termos para compreender, que a colonização não foi somente um modo de modernizar, e industrializar as Américas, mas quando se discute sobre as teologias como discurso de manipulação de poder, é preciso entender que as Américas foram invadidas, e que existem raízes epistemológicas na realidade latina.

O reconhecimento do pluralismo como expressão de liberdade

É preciso entender que a invasão da América Latina foi também uma forma de controlar teologicamente e ainda culturalmente um povo, a fim de extrair desse povo suas riquezas e se estabelecer como uma nova forma de poder imposto.

Não houve um cuidado com a terra invadida, com o povo que aqui vivia, ou se quer dizer, com as realidades teológicas da América Latina. Os africanos foram escravizados e trazidos para o Brasil, enquanto aqui existiu um verdadeiro genocídio indígena e um genocídio cultural que tentou exterminar as tradições indígenas dos territórios latinos.

É imprescindível a compreensão, da existência de uma lógica em se fazer discursos teológicos no Brasil, no qual, por diversas vezes, aqueles que outrora foram oprimidos pelo enunciado teológico, flertam com uma forma de poder que os torne também opressores a partir de seus próprios discursos teológicos.

Infere-se que o fenômeno pluralista realça a necessidade de que as expressões éticas passem pelo crivo da liberdade religiosa, Gabatz (2014, p. 13) cita que:

Reconhecimento do pluralismo representa a democratização do campo religioso, em que todos os sujeitos são reconhecidos como legítimos em suas reivindicações, desde que respeitados os seus princípios éticos.

O pluralismo religioso no Brasil é, portanto, fruto da diversidade e também da liberdade religiosa existentes, de forma que, muitas entre as diferentes expressões teológicas da América Latina podem ter diversos elementos em comum e pertencer a tradições religiosas completamente diferentes.

Ao reforçar que existem métodos plurais no conceito teológico, é vital assumir que essa pluralidade é extremamente necessária para a constituição das teologias. As teologias, em suas diferentes raízes pertença, estão sempre profundamente atreladas a uma realidade cultural presente na sociedade.

Há uma necessidade crescente de revisitar estes debates, dadas as realidades multiculturais que as igrejas enfrentam. É imperativo propor uma teologia que rompa com o dualismo teológico do mundo, é necessário aprofundar a ideia de uma teologia intracultural, capaz de viver e preservar-se, pertencente a uma cultura local, e muitas vezes envolvida na promoção desta cultura.

Mesmo com as limitações do texto proposto, deve-se lembrar que, além das teologias que remetem às origens africanas, na realidade no Brasil também tem as teologias feministas emergentes, que visam romper com a visão patriarcal de Cristo, e trabalham sobre Cristologia Libertadora. E também pode falar sobre a diversidade de teologias indígenas, que também procuraram perturbar a visão tradicional americana do monoteísmo imperial, em que um “Rei” soberano é causador de todo o bem, mas também a causa de todo o mal existente.

Nesse aspecto, o pluralismo religioso torna-se um caminho para compreender a relevância do diálogo inter-religioso no Brasil, como uma ferramenta de constituição social. Se não é possível pensar em uma única cultura ou em um único discurso teológico no Brasil, também não é possível pensar em caminhos para a constituição de uma sociedade, onde as diversas religiões não sejam convidadas a participar e construir essa sociedade.

O diálogo interreligioso direciona para o encontro de pessoas que, a partir da sua fé, se encontram e dialogam com pessoas de outras tradições religiosas. O diálogo inter-religioso é caracterizado pela abertura ao outro, tendo como características a compreensão mútua e o recíproco enriquecimento. Um aprende do outro. No diálogo interreligioso, nenhuma pessoa tenta impor a sua fé.

É na relação respeitosa com o outro que o autoconhecimento também se realiza. Ao negligenciar o intercâmbio criativo entre as religiões, elas se tornam guetos, considerando-se portadoras de verdades únicas, fortalecendo a intolerância religiosa, gerando violências, como a que temos assistido no Brasil. (ULRICH, SILVA, 2017, p. 7)

Na compreensão de que todas as teologias são um lugar cultural, é necessário definir, ou repensar, a relação entre essas desiguais teologias no mundo, tendo o mundo como lugar-comum de vida. A compreensão do diálogo inter-religioso como um lugar-comum, faz com que as diferentes teologias possam compreender-se no que é fundamental (no que

se refere à vida comum na sociedade) e desprendem-se um pouco do que não é comum (às práticas próprias de cada vertente religiosa).

O pluralismo como lugar de formação da Identidade Cristã

Claudio de Oliveira Ribeiro, em seu artigo “A Teologia latino-americana diante do pluralismo religioso: A mudança de lugar teológico a partir das teologias feministas e afro-indígenas”, vai falar exatamente sobre essa mudança de lugar proposta pelas teologias emergentes na América Latina. Nesse artigo, uma das mudanças apontadas é referente ao fazer teológico feminista, do qual ele comenta:

A crítica feminista aos processos de diálogo ecumênico, tanto no nível infracristão como no inter-religioso, é haver sempre um limite já abertura às questões do mundo e o diálogo com as diversidades, presentes em vários setores cristãos, mas que quase sempre terminam em uma perspectiva exclusivismo. Isso se revela especialmente na linguagem e nas relações de poder. (RIBEIRO, 2018, p. 5)

As discrepantes perspectivas e lugares teológicos promovem uma série de discursos, onde hoje, temos ferramentas melhores para perceber as características únicas que envolvem a fundamentação de tais teologias. A partir da compreensão dessas diferentes culturas na formação teológica, é possível fazer do outro um ser que vive em igualdade na comunidade e, além disso, transforma-o em um ser que compartilha as mesmas responsabilidades, deveres e atribuições na construção da comunidade. As perspectivas sobre a origem da vida, propósito e destino, sempre foram baseadas em relações absolutistas. A proposta encontrada, então, é de que na compreensão das teologias como parte de uma cultura. É possível compreender, também, essas diferentes perspectivas que tornam as teologias policulturais ou multiculturais, sem que haja necessidade de se legitimar ou excluir qualquer discurso forte sobre tais temas.

A recriação das linguagens teológicas e das práticas religiosas não é, obviamente, tarefa fácil. Tais perspectivas se defrontam com a complexidade da realidade social, especialmente aspectos econômicos e políticos.

Ao introduzir certas linguagens teológicas, não querem atribuir-lhes qualquer espécie de juízo, mas também não querem cometer o erro histórico de repetir as questões absolutistas, sem lhes dar o direito de expressar essa diversidade plural de teologias, em especial na América latina. Claudio Ribeiro faz, ainda, questão de realçar nesse aspecto a questão existencial ligada a cada epistemologia religiosa.

Ele pressupõe certa inclinação antropológica de demarcação de espaço de diferença e identidade. Isso pode se dar positivamente, como valorização da alteridade, assim como pode se dar de maneira desintegrado, excludente e até mesmo agressiva.

À medida que a relação entre as diferentes realidades, é viável tornar a demarcação de fronteiras um lugar de respeito. Importante realçar o espaço de fronteiras como um espaço de alteridade, onde as diferentes constituições de cada ser (e por consequência de suas teologias) fazem diferença e importam em uma relação comunitária. Não é possível na contemporaneidade repetir o erro histórico de flertar com o poder, tornando as teologias cristãs como absolutas no mundo, quando, na prática, têm-se diversas matrizes religiosas, inclusive nas teologias cristãs.

A questão específica da relação cultural entre as teologias e as pluralidades existe um único caminho ou solução. O que tais críticas podem apontar são caminhos, e descaminhos, possibilidades de tornar o mundo um lugar habitável onde essas diferenças possam cooperar para conduzir em comunidade o mundo um lugar mais igualitário. Ribeiro (2018, p. 10) conclui da seguinte maneira:

A dimensão salvífica passa a estar ligada à cura, à elevação da autoestima, à doação de vida, à acolhida nos seios da comunidade. Dessa forma, a Teologia cristã teria condições de ser e ler mais fiel a seus princípios de igualdade de todos os seres humanos, de ter a comunidade fundamentada na justiça e na paz e de expressar o poder divino como representante do amor em sua plenitude.

Nesse sentido, só alcançará a compreensão do poder salvífico anunciado pelas diferentes tradições cristãs, quando, de alguma forma, o ser humano experimentar uma espécie de reconciliação existencial. É o operar da salvação que promove a reconciliação de diferentes tradições, onde, mesmo em lugares de produção teológica diferente, os adeptos e seguidores de tais tradições encontram nelas, salvação.

O objetivo final da criação é a reconciliação de todos os seres, o que significa que todos os seres humanos estão sujeitos a apocalipses, batalhas e buscam um ambiente comum de acesso, segurança e bem-estar para todos.

O ser humano torna-se um bem comum à sua comunidade quando entende que habitar é sua principal vocação. Captar que a diversidade, a pluralidade, não precisa ser ofensiva reciprocamente, antes, pode movimentar em direção ao próximo, e é nele que encontra sentido para as questões mais profundas existenciais no ser humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na compreensão de que a salvação é um poder único de Deus, e que só Ele pode atribuir esse poder salvador, é perceptível que Paul Tillich aponta que existe um motor, uma força que movimenta o poder de Deus. Se, na fé cristã, é compreensível a salvação em Cristo Jesus como uma operação da justiça divina, Tillich indigita que a justiça é a forma em que o poder se realiza, sendo assim, ele afirma que: “Se a Justiça é a forma na qual o poder de ser se realiza, ela justiça deve ser adequada à dinâmica de poder [...] ela deve ter o poder de dar forma às relações entre os seres” (2004, p. 61).

Consequentemente, Tillich declara como questão óbvia que “o amor é o princípio da justiça”, e isso leva a rever, ou visitar, o lugar da salvação não como um lugar excludente, mas, antes disso, um lugar de acolhimento e aceitação, no qual o amor se realiza. A lei salvífica de Deus ao operar a salvação abre uma janela hermenêutica para repensar todo o conceito de salvação contemporâneo.

De acordo com Tillich a justiça como lugar de realização do amor, faz com que o pensamento sobre razão e salvação passe indissociável pela compreensão da reconciliação. Não há como pensar a justiça, sem pensar na obra reconciliadora do amor.

Contextualizando a realidade Plural indicada na América Latina com a teologia ontológica de Justiça apresentada por Tillich, ao apontar um caminho comum de diálogo no qual o amor se manifesta nas práticas de justiça, reunindo as mais diversas realidades teológicas sob a perspectiva do amor. Tillich (2004, p. 73) encerra:

O amor não faz mais do que a justiça exige, todavia o amor é o princípio máximo de justiça. O amor reúne, a justiça preserva o que está para ser unido. Esta é a forma na qual o amor realiza sua obra.

A perspectiva do amor reúne em si, os opostos, e convida para a ‘mesa’ aqueles que outrora não se sentaram nela. O diálogo entre as religiões deve ser conduzido sob a perspectiva do amor. Só há uma forma de se fazer sociedade e de se pensar comunidade no Brasil, e não é uniformizando os discursos, mas sim modificando o lugar de compreensão das teologias como um lugar no qual o amor e justiça se encontram e se realizam um no outro.

A fé cristã une toda a criação sob a soberania e revelação de um Deus que se manifesta historicamente em Jesus Cristo, elaborando uma única redenção que se estende a todas as coisas e todos os povos (Colossenses 1,14-21). O verbo de Deus, que antes de ser carne era palavra, manifesta-se através da vida por meio de seu Espírito em diversas realidades e culturas, sendo indissociável o discurso teológico na maneira de conceber e fazer sociedade.

É na operação da justiça através do amor que se encontram igualdade, respeito, diálogo, unidade, e assim a teologia vai ganhando novas formas de se fazer e se constituir na sociedade através da vida humana.

Alessandro Rocha (2008, p. 75) reiterará que ao referir a obra do espírito como fonte de amor e humanização é também “dizer que na experiência com ele se dá a experiência da humanização”. Assim este lugar de realização do amor, passa pela experiência humana, ou pela experiência de tornar-se humano ela ação do Espírito Santo.

Rocha continua proferindo que o ser humano é a testemunha consciente do inabitável do espírito na criação, e ele continua relatando que: “Essa inabitável confere uma mística à existência humana. Os corpos de homens e mulheres são capazes de Deus, não somente daqueles que aderem às instituições religiosas” (2008, p. 80). Essa é a mística do amor que reflete na comunhão entre os diferentes corpos. Esse é o amor que opera a salvação e a justiça de Deus. Alessandro Rocha continua sustentando:

O amor celebra a plenitude da possibilidade de Deus no humano, o amor é a oração mais eficaz, ele é a expressão mais clara da humanização/ santificação dos homens e mulheres.

O ser humano reconciliado é o lugar onde o amor se realiza plenamente, e é nessa comunhão entre o espírito e o humano é que se tem a experiência da humanização. A celebração dos corpos é o momento em que o amor rompe as barreiras das diferenças e dos preconceitos, revelando-se em sua plenitude, tornando os seres humanos tão permeáveis quanto eternos.

A ação salvadora de Deus não se limita aos credos, pertencente a essa ou aquela religião, antes age na humanização dos seres, minimizando suas culturas e dogmas religiosos decrescentes, e unindo-as na missão de Deus de revelar-se e redimir para si todas as coisas em Cristo Jesus. Aquele que criou, também une para que a comunidade possa existir e crescer em unidade.

REFERÊNCIAS

- CARSON, Donald A. **Cristo e Cultura**. uma releitura – São Paulo: Vida Nova, 2012.
- GABATZ, Celso. Religiosidade Brasileira Contemporânea: Pluralismo, secularização e múltiplas pertencas. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades EST**. v. 2. São Leopoldo: EST, 2014.
- NEWBIGIN, Lesslie – **O Evangelho em uma sociedade pluralista**. Viçosa: Ultimato, 2016.
- RIBEIRO, Claudio de Oliveira. A Teologia latino-americana diante do lugar do pluralismo religioso. A mudança de lugar teológico a partir das teologias feministas e afro-indígenas. **Encontros Teológicos**, v. 33, n. 2, p. 309-334, 2018.
- ROCHA, Alessandro. **Espírito Santo**. São Paulo: Editora Vida, 2008.
- SCHAEFFER, Francis. **A morte da Razão**. Viçosa: Ultimato, 2014.
- TILLICH, Paul. **Amor, Poder e Justiça**. São Paulo: Fonte Editorial, 2004.
- TILLICH, Paul. **No limite**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.
- TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.
- ULRICH, Claudete Beise, SILVA, Ailton Vitorino. Pluralidade Religiosa Brasileira: a importância do diálogo interreligioso. **Protestantismo em Revista**. v. 43, n. , p. 83-94, jan. /jun. 2017.